Mapa do livro

Cada capítulo deste livro pode ser lido de forma independente, pois são ensaios que se fecham sobre si mesmos. Aqui o leitor pode consultar o conteúdo de cada ensaio e planejar sua própria viagem, traçar seu roteiro pessoal.

Parte I_Representações da família

Os primeiros seis ensaios conversam entre si, já que todos versam sobre as representações contemporâneas da família. Eles enfocam histórias de várias famílias que a ficção nos empresta para que sonhemos com elas. Esses capítulos tratam do declínio da família tradicional, marcada pela autoridade e a respeitabilidade paternas, que desembocou hoje em uma família democrática, portanto mais horizontal, costurada pelo amor e fragilizada pelo mesmo motivo.

Muitos casamentos atualmente duram pouco e a família viu-se transformada em um grupo em mutação, composto de sucessivos rearranjos e constantemente ameaçado pela labilidade do amor. Dessa realidade resultam perdas, ganhos e especificidades que não devem ser lamentadas, apenas reconhecidas e compreendidas.

Esses capítulos têm uma justificação clínica bem simples: escutamos frequentemente o relato do sofrimento daqueles que julgam estar na família errada, uma ideia de que sua família não é como deveria ser ou não se comporta adequadamente como uma "verdadeira família". Sim, mas o que seria uma família verdadeira? Qual é a família certa para os dias de hoje? Nossa pesquisa visa obter um panorama das famílias idealizadas da literatura, do cinema, da televisão e das propagandas, com as quais nos comparamos. É sempre importante lembrar que não estamos fazendo uma história da família e sua evolução, e sim uma análise das representações da família nas mídias. Isso faz toda a diferença.

Sofremos os efeitos da nossa família real, tanto a que tivemos como a que constituímos, dos impasses e tensões aos quais ela é submetida, mas geralmente nos comparamos com famílias idealizadas, tomadas de empréstimo da arte e da mídia. Parte dessa insatisfação reflete-se em uma relação conflituosa com os papéis de mãe e pai. Da mesma forma, sentimo-nos inquietos em relação às identidades feminina e masculina que se originam e confirmam no interior de cada família. Construímos o estilo dos homens e mulheres, dos pais e mães que seremos ou deixaremos de ser, a partir dessas fantasias que interpretam nossos ideais e influenciam no destino dessas identidades.

O livro analisa fantasias sobre famílias que são populares ou consagradas pelo tempo, que retratam inquietudes que são comuns a todos, com as quais temos uma relação ativa: usufruímos delas e com a nossa adesão acabamos definindo aquelas que farão sucesso; na contrapartida, elas influenciam as escolhas de uma vida.

A ficção não é apenas uma forma de diversão, é também o veículo através do qual se estabelece um cânone imaginário utilizado para elaborar algum aspecto da nossa subjetividade ou realidade social. As personagens e suas histórias apresentam situações típicas sobre determinada questão para que isso possa ser compartilhado, elaborado, assim como utilizado como parâmetro para nossa vida. Nossas histórias favoritas acabam sendo fontes de inspiração e identificação, refinam ou embrutecem nossa sensibilidade, nos ampliam ou cerceiam os horizontes, ajudam a penetrar na realidade ou a evitá-la, sendo, portanto, decisivas para o que nos tornamos.

Capítulo 1_Um monstro no ninho

O primeiro capítulo é um mergulho nos pesadelos sobre gravidez e bebês monstruosos, um trabalho sobre o mal-estar na maternidade e um mapa exaustivo das fantasias que acometem as mães durante a gestação. Não se trata de ideias associadas a situações de fato traumáticas, quando algo realmente dá errado em uma maternidade, mas de fantasias assustadoras associadas a uma gestação e ao nascimento de um filho em condições normais. Trabalhamos sobre o filme *O Bebê de Rosemary*, os quatro filmes da série *Alien*, o filme *A Profecia* e o livro *Precisamos falar sobre o Kevin*. São obras que revelam nossa ambivalência sobre um assunto tabu: o quanto amamos e esperamos de nossos filhos (no caso especialmente os bebês), enquanto, ao mesmo tempo, podemos odiá-los, mesmo quando sua chegada possa ser também motivo de júbilo. A vinda dos bebês é um ponto de virada na vida de um casal, a nova e desejada condição em que eles colocam os pais nem sempre desemboca nas satisfações e realizações que eles esperavam, por isso pode desencadear conflitos, frustrações e ressentimentos.

Capítulo 2_Toda família é uma ilha

Esse capítulo ocupa-se das séries de TV *Os Waltons*, *Perdidos no Espaço* e uma história que pode ser colocada na origem e matriz de todas essas famílias idealizadas: o livro *Os Robinson Suíços*. Escolhemo-nas devido ao sucesso que fizeram em sua época e pelo fato de que ainda são lembradas como paradigmas de famílias bem-sucedidas. Esse livro, originalmente uma literatura juvenil, ficou gravado na memória de várias gerações enquanto ideal de isolamento e das relações de amor e respeito, de cuja carência não cessamos de nos queixar. É um capítulo sobre a nostalgia associada a uma família que já não existe, que de fato talvez nunca tenha existido nesse formato, mas na qual projetamos nossos sonhos de ninho familiar. São exemplos de utopias familiares que balizaram a construção da família nuclear desde que ela surgiu.

Capítulo 3_A maternidade possível

Analisamos aqui a maternidade possível em um tempo em que os papéis tradicionais já não oferecem respostas óbvias sobre o que é ser uma mulher. As protagonistas de *A Noviça Rebelde* e *Mary Poppins*, uma madrasta e uma babá, são velhas conhecidas de muitas gerações e serão nossas retratadas. São mulheres que ocuparam o lugar da mãe em famílias que estavam em dificuldades, mas com irreverência e afeto, souberam administrar a função materna, conquistaram o coração de crianças órfãs e rebeldes, assim como reabilitaram seus pais ausentes. Para ser mãe, uma mulher hoje precisa enfrentar a difícil negociação entre seus papéis históricos e as inclementes exigências sociais. Resultante desses impasses, a angústia, a insegurança e a culpa se incorporaram à identidade feminina. Através de suas personagens ou ensaios, escritoras como Clarice Lispector e Virgínia Woolf deram voz às sempre renovadas inquietudes da feminilidade. A possibilidade de uma maternidade que se realize, embora conviva com essa dimensão de consciência e sofrimento, é nossa questão neste ensaio.

Capítulo 4_A família amorosa

O desenho animado *Os Simpsons* demonstra com seu humor tragicômico o novo lugar do pai nas famílias contemporâneas. O pai já não sabe nada, sua autoridade decaiu, sua importância idem, mas nem por isso é menos amado e aceito. Agora a questão é como lidar com as suas falhas e insuficiências. Nesse caso, a valorização é que mudou de lugar: já não recai sobre a família como instituição tradicional ou mesmo sobre a nobre natureza de seus membros, mas sobre o laço familiar em si: é ele que deve ser preservado, aconteça o que acontecer. O amor entre seus membros pode não ser o melhor, nem ao menos louvável, mas deve ser incorruptível. Mesmo quando esgarçado ao limite, nunca deve romper. Antes desse seriado, outras famílias ocuparam lugar no imaginário popular e as histórias de famílias monstruosas, como *A Família Addams*, foram pioneiras em demonstrar o afeto que pode haver

entre aqueles que aos outros parecem disfuncionais ou estranhos.

Dentro desse novo quadro, as mulheres ficaram com melhor papel, graças às suas conquistas sociais e políticas, tanto quanto os filhos, nos quais acabaram depositadas as expectativas de inteligência, bom senso e equilíbrio, antes reservadas à imagem idealizada do pai. Analisamos algumas histórias que envolvem pequenos gênios e seus pais incompetentes como personagens, assim como uma na qual o destino dos pais fica nas mãos do filho: *De Volta para o Futuro.* Por último, nos detivemos sobre o filme infantil de animação *Os Incríveis*, uma família onde as boas qualidades dos seus membros encontram-se em um delicado equilíbrio entre o dentro e fora de casa.

Capítulo 5_A família em mutação

Iniciamos com uma história: *Onde Vivem os Monstros?* Ela é contada em duas épocas: foi um livro infantil na década de 1960 e um filme em 2010, sendo que a questão da separação dos pais foi acrescentada à segunda versão. As separações, que até meados do século XX eram episódicas e traumáticas, agora se tornaram quase uma rotina, uma possibilidade constante. Acabou a era da estabilidade no casamento, casa-se com essa esperança, mas poucos estão dispostos a grandes sacrifícios para esse fim. A parentalidade e a intimidade doméstica precisaram ser reinventadas depois de retiradas dos clichês familiares nos quais repousavam. Nesse contexto, houve também ganhos, pois homens, mulheres e crianças tiveram que encontrar novos caminhos para ser pais e filhos, para compreender e realizar seus laços.

As antigas questões sobre o lugar de cada filho no amor dos pais, assim como as interrogações de que as crianças e adolescentes se ocupam sobre o relacionamento do casal parental, também precisaram passar por uma reciclagem. Fantasias de abandono, e o trato necessário com o amor chantagista dos filhos, são realidades inevitáveis quando se sabe que os pais seguem, acima de tudo, o rumo ditado pelas suas insatisfações e necessidades individuais.

Capítulo 6_A paternidade possível

Nesse capítulo tratamos do que era e do que se tornou a paternidade contemporânea, mas focando na figura do filho que se queixa do pai. Escutamos os argumentos do filho que reclama que o pai já não mais cumpre seu antigo papel. Para tanto, analisamos as histórias de três tipos de criaturas, filhos somente de um pai-criador: do Golem, da tradição judaica, de *Frankenstein* e dos andróides de *Blade Runner*. Esses pais, religiosos ou cientistas, pretenderam um lugar de divindade, ousaram fabricar seres para provar sua grandeza, porém não se dispuseram a educar, cuidar ou zelar por suas criaturas. Seus "filhos", nascidos para celebrar a potência paterna, insistem com suas reivindicações, cobranças ou mesmo com seu ódio parricida, insistindo em que pai é aquele que educa, não o que gera. A paternidade é o exercício exaustivo de colocar-se em um lugar onde as grandes expectativas, que é necessário ter, encontram-se com seus limites, e o desafio é situar-se nesse limiar.

Parte II_Origem e eficácia da fantasia

A segunda parte do livro é um conjunto de ensaios enfocando obras infantis e outras dirigidas a um público jovem, assim como algumas para os já crescidos. Os ensaios tratam de temas variados como a atualidade dos contos de fadas, a adolescência, as histórias de vampiros, a ilusão de autonomia, os sonhos, a atividade de brincar e outras formas da fantasia. Em comum, tece-se entre os diversos capítulos um fio de reflexão sobre o caráter da fantasia, sua gênese, suas utilidades e seus limites.

Capítulo 7_Um conto de fadas intimista e bem-humorado

Esse capítulo responde uma questão: existem novos contos de fada? Os contos de fada encontraram uma nova modalidade, mas ainda podemos nomeá-los da mesma forma? Acreditamos que essa nova forma é possível e a análise dos filmes da série *Shrek* é uma boa demonstração das

novidades no mundo do maravilhoso. O novo herói não pode mais ser a figura plana e simplificada de outrora, não há mais lugar para a estreiteza maniqueísta, mesmo nas histórias voltadas para os menores.

Como parte intrínseca da nova complexidade dessas tramas está o humor, através do qual é revelada uma visão crítica e cômica da situação, assim como a possibilidade de rir de si mesmo. Rir é fundamental para emprestar leveza à densidade dessas novas personagens do maravilhoso. Agora, o humor mistura-se com as costumeiras doses de magia, animais fantásticos e personagens clássicos da ficção infantil. São os antigos cenários, com seus reis, rainhas, monstros e ajudantes mágicos, convocados para continuar ajudando a elaborar os impasses subjetivos das crianças. Elas se tornaram mais complicadas, portanto, os contos de fada também.

Capítulo 8_Ficções sobre a adolescência

As crianças imaginam a adolescência enquanto um tempo de autonomia, porém sem o peso da vida dos adultos. Recentemente a ficção infantil povoou-se de personagens que vivem um período adolescente, como o desenho animado *O Rei Leão*. Nessa história, praticamente uma versão infantil de Hamlet, as crianças podem enriquecer seu imaginário a respeito da adolescência que aguardam, temem e cobiçam.

Enquanto isso, na adolescência real, vive-se um turbilhão de emoções das quais os adultos nada querem saber, preferem relacionar-se com seu protótipo caricatural. Um retrato fidedigno, delicado e ao mesmo tempo cruel dessa época pode ser obtido graças a um jovem de mais de meio século: Holden Caulfield, do já clássico *O apanhador no campo de centeio*.

Os filmes de terror, para consumo principalmente de público jovem, trazem uma dimensão dos temores associados a essa época da vida. O paraíso prometido do sexo e da potência que se esperava ter quando finalmente a infância terminasse, encontra aqui, na morte massiva de jovens e na violência espetacular que despedaça corpos e derrama litros de sangue, sua contraprova. Nesses filmes, de conteúdo fortemente moralista, crescer é mais perigoso do que parecia, e o sexo descompromissado sempre é punido. Mas a grande questão é: por que mesmo os jovens assistem a estes filmes em que são castigados e massacrados?

As fantasias sobre adolescência encontram aqui três modalidades: o sonho infantil, o retrato da realidade e os pesadelos dos próprios protagonistas dessa época da vida tão idealizada por todos.

Capítulo 9_Faça-se você mesmo_o trabalho do filho na construção de si e dos pais

Esse capítulo abarca as fantasias de autonomia de cada um de nós. O homem moderno julga que é filho de si mesmo, que não responde ao desejo de seus pais e que não é marcado pelas gerações anteriores. Em certos aspectos ele tem razão, pois a trajetória de cada indivíduo vai depender também do que ele faça a partir do que se fez com ele. Há uma parte da história de cada um que depende da forma como se reage às adversidades, de como aproveita as oportunidades, assim como da dose de otimismo que se consegue ter.

Para retratar a parte ativa das crianças na própria constituição, usamos três histórias infantis: uma, embora centenária, ainda muito conhecida, *O Jardim Secreto*; o filme e livro *Matilda*; e uma série de livros de 1945 que sobrevive graças ao apreço de muitas crianças, *Pippi Meialonga*. Essas personagens, todas de alguma forma órfãs, tiraram suas forças para seguir adiante da sua capacidade de contar histórias para si mesmas a partir das que escutaram dos pais ou substitutos, assim como do dom de imaginar, brincar e criar realidades paralelas à que se está vivendo. A análise desses recursos deu-nos oportunidade para esboçar algumas teorias sobre a gênese da fantasia e do pensamento mágico.

Capítulo 10_Fantasia e sonho no País da Maravilhas

Usamos os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho*, assim como a versão cinematográfica de Tim Burton para essa história, como exemplo para falar das fronteiras entre a ficção e o sonho, suas regras em comum e suas diferenças. Defendemos que o sonho é uma forma válida e fundamental de inspiração da ficção, assim como

um território imaginário que nunca deve deixar de ser valorizado.

Através do questionamento que Tolkien fez à legitimidade da produção onírica como pertencente aos mundos mágicos, defendemos que eles são um território maravilhoso que se visita diariamente. O absurdo e a loucura dessas criações noturnas devem-se ao fato de que ali se encontra um acesso a conteúdos do inconsciente que utilizam essa forma de expressão. Por que, então, não lhes daríamos ouvidos? Mesmo assim, muitos se mantêm distantes dessa rica fonte de imaginação, assim como das histórias fantásticas como um todo: são os exilados da fantasia, que nos ensinam que ela também pode ser temida e ignorada.

Capítulo 11_Fantasia e realidade_ a guerra mundial em Nárnia

Nossa intenção é ver o quanto uma história de ficção pode ajudar a elaborar uma experiência histórica concreta. C. S. Lewis, com o seu livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, retratou na fantasia uma versão compreensível para as crianças daquilo que elas viveram durante a segunda guerra mundial. As personagens desse livro são algumas das tantas crianças retiradas de Londres durante a guerra para serem salvas dos bombardeios. Na casa de campo em que foram abrigadas encontraram uma passagem para um mundo mágico onde tiveram oportunidade de também travar suas batalhas, como as que estavam sendo vividas por seus pais e pelos jovens de sua época.

Provavelmente essa conexão tão explícita não foi a vontade do autor, ou seja, não é uma alegoria consciente e direta; ele simplesmente se deixou tomar pelo espírito de sua época. Graças à transparência entre a dimensão mágica e a realidade retratada pelas personagens dessa história, podemos perceber que existem conexões, mas não há uma correlação total, na qual uma fantasia fique dependente da experiência vivida.

Capítulo 12_Brinquedos animados_ o suporte material da fantasia

Através dos três filmes da série *Toy Story*, procuramos decifrar a nada simples atividade de brincar das crianças. Graças à imaginação, os brinquedos assumem um caráter mágico, no qual lhes atribuímos uma vida própria, como pode ser constatado nesses filmes e em vários contos de Andersen. Além disso, brincar é uma atividade próxima da arte, pelo uso livre de objetos e sua inserção em situações que não visam nada prático, e, sim, uma forma de expressão de fantasias. Por último, dedicamo-nos ao lugar das nossas memórias de infância, tanto as próprias quanto as dos filhos, que ficam com os pais quando chega a hora deles abandonarem o lar em que cresceram.

Capítulo 13_Vampiromania

As histórias de vampiros, cuja popularidade não cessa de se atualizar, são originárias de um mito literário: o livro *Drácula*, escrito por Bram Stoker no final do século XIX. Mesmo as versões anteriores desse mito encontraram nessa narrativa uma estrutura que se estabeleceu como cânone literário. Nossa conflituosa relação com a morte, que apavora e fascina, e com o sexo, idem, encontra nesse monstro uma síntese que nos seduz. Originalmente uma história para o grande público, o vampiro tem angariado maior sucesso junto aos jovens. Enfocamos as histórias escritas por Anne Rice e a série de livros iniciada com *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, além de vários seriados de televisão e filmes sobre o tema.

Através dessas histórias de mortos-vivos, os jovens veiculam suas inquietações filosóficas sobre a finitude e sobre o sexo. Esses dois termos interrogam aos que estão iniciando uma fase da vida onde se deixa de esperar e imaginar, é preciso urgentemente viver. Porém, para essas questões não existe idade: afinal, o que é mesmo estar vivo e o que significa morrer? E ainda, por que sexo e morte frequentemente se misturam?

Capítulo 14_Toda história é sem fim_ alcance e perigos da fantasia

A História sem Fim, escrito em 1979 por Michael Ende, é um livro fora do comum. Na verdade, trata-se de uma história que, como diz o título, nunca termina, embora esteja sempre ameaçando acabar. Nesse livro, o que ameaça terminar – a terra de Fantasia, um lugar mágico que está sendo devorado pelo Nada – seria o resultado de

não sabermos nos relacionar bem com nosso próprio mundo imaginário. Um dos objetivos deste capítulo é mostrar por que esse livro pode ser paradigmático no sentido de demonstrar o que são as fantasias, como se criam, para que servem e o que ocorre conosco quando ficamos privados ou inebriados com elas. Para esta análise, lançamos mão de alguns contos de Jorge Luis Borges, autor que trabalhou de modo ficcional os limites difíceis de estabelecer entre a imaginação e a realidade, assim como entre o autor, sua obra e o acervo cultural da humanidade.

Para concluir este livro, ressaltamos, através do conto *O Imortal*, que o limite da vida é o que empresta sentido a uma trajetória, estabelecendo um ponto de chegada. Para desenvolver-se plenamente, tanto a vida quanto a atividade de fantasiar precisam ter uma trajetória finita, constituindo uma história que possa ser contada com começo, meio e fim.